

Pergunta a um descrente

João César das Neves

“Apesar de não acreditares, não queres que a história de Cristo seja verdade ?” A questão essencial do sentido da vida coloca-se a todos nós. E a resposta que cada um lhe dá em consciência merece o nosso maior respeito. Mas esta é a pergunta simples que, com toda a amizade, devemos fazer a um descrente.

Ao longo destes 2000 anos muitos não acreditaram no que Cristo nos disse sobre o sentido do mundo, da humanidade e da nossa vida concreta. Aliás, logo quando nasceu avisaram que Ele seria “sinal de contradição” (Lc 2, 35). Mas, mesmo achando que é mentira, pode desejar-se que fosse verdade. E pelo que vemos à nossa volta, é isso mesmo que o mundo e, muito mais importante, cada um dos nossos amigos, faz. Nem todos os homens são cristãos. Mas todos, mesmo sem o saber, gostariam de o ser. O que Cristo é e diz encaixa perfeitamente naquilo que o homem sempre busca. E ultrapassa-o de forma inesperada.

O nosso tempo, por exemplo, quer liberdade, igualdade e fraternidade. A pessoa de Cristo constitui a suprema igualdade. Que Deus se tenha feito homem e tenha vivido igual a nós é algo que nunca ninguém se atreveu a pensar, e que ultrapassa de forma sublime a nossa ânsia de igualdade. A história de Cristo é a suprema fraternidade. Quando nos diz para chamarmos a Deus “Pai”, dá-nos a razão mais radical de sermos todos irmãos. E, acima de tudo, a história de Cristo é a suprema liberdade. Quando o próprio Deus se reduz à posição de se propôr à nossa adesão, mostra quão profunda e irredutivelmente somos livres.

Isto, aliás, justifica a própria pessoa de Cristo. Deus podia ter-se revelado a nós de forma evidente e incontestável. Mas, se o fizesse, eliminaria para sempre a nossa liberdade. Aparecendo como fez, como um homem que nos chama, dá-nos a hipótese de escolha. Permite-nos decidir se O queremos reconhecer ou não. E, mais extraordinário do que isso, consegue deste modo que nós tenhamos algum mérito. Ele faz tudo, percorre todo o caminho, mas deixa-nos a liberdade de adesão, que constitui o nosso único contributo. Percebe-se que, se Deus é mesmo bom, só poderia ter feito assim.

Mas será que a história de Cristo é verdade ? Como em todas as coisas importantes da vida, a certeza não se apoia numa evidência, mas numa adesão. Nós não sabemos com exactidão a resposta às nossas principais perguntas. Será que nasci onde dizem ? Será que os meus pais são quem julgo ? Será que os meus amigos são mesmo meus amigos ? Será que a sopa que estou a engolir não está envenenada ? Ninguém o sabe nunca com segurança.

As nossas certezas são, realmente, apostas. A relação que temos com os nossos pais baseia-se na fé de que eles são os nossos pais. A vida que vivemos com os nossos amigos parte da fé na sua amizade. A nossa personalidade está construída em cima de múltiplas certezas que nunca poderemos demonstrar geometricamente. Vivemos permanentemente na fé. Ao pensar no sentido último do mundo e da vida, a fé é apenas mais evidente.

Todos damos continuamente resposta à questão de saber porque e para que vivemos. E fazemo-lo sempre necessariamente na fé. Alguns põe a sua fé em coisas grandes mas remotas, como o Deus inacessível, a paz do mundo ou o desenvolvimento dos povos. Outros colocam-na em coisas próximas mas mesquinhas, como o prazer sensual, a carreira ou uma vida calma e pacata.

A diferença da resposta que Cristo nos traz é que ela é a única que é, ao mesmo tempo, grande e próxima. Jesus fala de coisas grandes, como vida eterna e o destino final da história. Mas não de forma remota como Alá transcendente, Buda impassível ou Marx voluntarista. É antes um homem despenteado pelo vento, sentado numa montanha perto de um lago, pedindo aos amigos para serem mansos, pacíficos e misericordiosos. Cristo preocupa-se com coisas próximas, como a felicidade de um casal ou a saúde de um pobre. Mas não de forma mesquinha como a nossa sensualidade e o nosso activismo. Pelo contrário, invoca o Deus vivo para transformar a água em vinho num casamento ou curar um cego e um leproso.

Mas Cristo pede primeiro a nossa fé. Nisso é igual aos nossos pais, aos nossos amigos e à nossa própria personalidade. Sem a fé do homem, o Deus onnipotente fica inoperante. Porque a onnipotência de Deus é infinitamente respeitadora.

A fé que Cristo pede não é uma loucura irresponsável nem um sentimento desmiolado. Tal como a fé que temos nos nossos pais, nos nossos amigos, na nossa vida, é uma confiança razoável e racional. Usamos inteiramente a nossa razão, mais ainda que na

Matemática. Sabemos bem porque cremos em Cristo, como sabemos porque vivemos a nossa cultura, amamos os nossos pais, conhecemos os nossos amigos ou comemos a sopa.

A Arqueologia e a História demonstraram a história de Jesus com a mesma certeza da de Alexandre. Mas ninguém a explica, porque ela é única. Os que pensam compreender a pessoa de Cristo como filósofo ou curandeiro, não conseguem depois entender a influência histórica da sua Igreja. Esta formou-se sem um substracto étnico-cultural como o judaísmo e o hinduísmo, sem um projecto político-militar como o islamismo e o luteranismo, sem uma ideologia embriagante como o budismo e o platonismo. Os que, pelo contrário, pensam encontrar a explicação da Igreja como um movimento social e filosófico, não conseguem depois explicar a pessoa de Cristo. Ele não teve o sucesso de Confúcio e Maomé, a sofisticação de Sócrates e Galileu, a magnificência de Zoroastro e Akenaton.

A força de Jesus e do Seu corpo, a Igreja, vem sempre e apenas daquilo que são. A única coisa que podemos afirmar com inteira certeza sobre Cristo, é que a sua pessoa corresponde exactamente ao que desejam todos os homens, mesmo aqueles que não acreditam. Aristóteles ensinou-nos que o que todas as pessoas querem, “o fim supremo de toda a acção humana (...) é a felicidade” (Ética a Nicómaco 1095a17-19). Cristo não promete a felicidade para o outro mundo. Ele dá-a já e aqui aos seus fiéis. E promete para a vida eterna a perfeição dessa felicidade. Quem não quer isto ?

Diário de Notícias, 28 de Fevereiro de 2000